

O PAPEL DOS GESTOS DE APONTAR NA CONSTRUÇÃO DA DÊIXIS MULTIMODAL: DOS USOS CONCRETOS AOS USOS ABSTRATOS

Máira Avelar (UESB)¹

RESUMO

Neste artigo, investigamos a inter-relação entre a fala e os gestos de apontar na construção da dêixis multimodal. Nossa hipótese é de que a ocorrência mais prototípica dos gestos de apontar se relacionaria a referentes concretos presentes na cena enunciativa. Primeiramente, abordamos as considerações feitas por Kendon sobre as diferentes descrições icônicas dos gestos de apontar, bem como as considerações de McNeill e colegas sobre a dêixis abstrata. Analisamos, quantitativa e qualitativamente, dois trechos de 50 minutos de sessões legislativas dos deputados-pastores Feliciano e Cunha. Os resultados demonstraram que a hipótese não se confirmou, pois os referentes da maioria expressiva dos gestos eram abstratos.

PALAVRAS-CHAVE: Dêixis multimodal. Gestos de apontar. Inter-relação gestos-fala

ABSTRACT

We investigate the interrelation between speech and pointing gestures in the multimodal deixis construction. Our hypothesis is that the pointing gesture most prototypical occurrence would be related to concrete referents from the enunciative scene. Firstly, we approached Kendon's considerations about the different iconic descriptions of pointing gestures, as well as McNeill and colleagues' considerations about abstract deixis. We analyze, quantitatively and qualitatively, two 50-minute samples of legislative sessions from the so-called "deputy-pastors" Feliciano and Cunha. Results showed that the hypothesis cannot be confirmed, because most part of the referents were abstract.

KEYWORDS: Multimodal deixis. Pointing gestures. Speech-gestures interrelation.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PP-GLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). mairavelar@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

A palavra “dêixis”, em grego, significa “ação de mostrar, indicar, assinalar”. Do ponto de vista linguístico, os dêiticos, enquanto uma categoria de signos, só existem na realidade enunciativa. Logo, eles “só existem na rede de indivíduos que a enunciação cria e em relação ao ‘aqui-agora’ do locutor. Por exemplo: o ‘eu’ o ‘isto’ e o ‘amanhã’ da descrição gramatical são somente os nomes metalinguísticos de ‘eu’, ‘isto’ e ‘amanhã’ produzido pela enunciação” (BENVENISTE, 1966, p.253). Dessa forma, só conseguimos estabelecer um referente para as expressões dêiticas na situação de enunciação em que são utilizadas, pois são expressões que apontam para um “fora do texto”.

Em consonância com as ideias de Benveniste, Kendon (2004, p. 222), baseando-se nos estudos realizados por Bühler (1990), afirma que a dêixis se refere à relação entre os enunciados e as condições de tempo e espaço em que ocorrem. Do ponto de vista operacional, as expressões dêiticas são frequentemente associadas aos gestos de apontar, uma vez que, em última análise, essas são as “ações não-linguísticas” responsáveis pelo estabelecimento da inter-relação referencial entre o enunciado e as circunstâncias espaço-temporais de sua ocorrência. Ainda segundo Kendon (2004), os gestos de apontar (*pointing gestures*) ou gestos dêiticos constituem uma classe separada de gestos, sendo que poucos estudos foram desenvolvidos sobre essa categoria.

Levando em consideração essa escassez de estudos sobre os gestos dêiticos, pretendemos sistematizar algumas considerações sobre a inter-relação entre esses gestos e a fala. Delineamos, então, a seguinte hipótese de trabalho: considerando a natureza dos dêiticos, de apontar para fora do enunciado, prototipicamente, gestos dêiticos coocorreriam com palavras dêiticas e apontariam, para objetos, pessoas ou lugares concretos, relativos à situação mais imediata de comunicação. Haveria também contextos, menos prototípicos, em que gestos dêiticos coocorreriam com palavras não-dêiticas e apontariam para objetos, pessoas, lugares e até mesmo ideias abstratas.

1. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

1.1 GESTOS DÊITICOS OU GESTOS DE APONTAR: CARACTERIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

Os gestos de apontar, sejam eles realizados com as mãos ou com outras partes do corpo (como, por exemplo, a cabeça, o lábio inferior ou os olhos em movimento) possuem um padrão comum de movimento, que consiste numa trajetória em linha reta e bem definida, havendo uma tendência de que o movimento realizado atinja sua extensão máxima e seja mantido de maneira breve nessa posição. Dessa forma, excetuando-se os casos de objetos em movimento, o gesto de apontar parece ser realizado numa direção específica e direcionado a um alvo específico (KENDON, 2004, p. 200).

Sendo assim, numa perspectiva icônica (MCNEILL; CASSELL; LEVY, 1993, p.5), os gestos de apontar – sejam eles pertencentes ao nível concreto ou abstrato – podem ser esquematizados da

mesma maneira: há “um ponto de origem, ou *origo* (BÜHLER, 1990), um alvo, e uma linha icônica ou trajetória ligando o *origo* ao alvo”². Essa esquematização pode ser visualizada na figura 1. No esquema em questão, o gesto de apontar conecta o *locus* da origem àquele do referente. Nesse sentido, o gesto de apontar apresenta uma dupla natureza, dêitica e icônica, uma vez que representa a orientação espacial de um determinado objeto ou entidade no espaço, dada pelo falante (MCNEILL; CASSELL; LEVY, 1993).

Origo —→ Objeto referente

Numa perspectiva operacional, ao abordar os gestos manuais de apontar, Kendon (2004, p.223) estabelece duas maneiras distintas de realizar essa ação: apontar com o dedo indicador, relativa à ideia de singularidade do objeto referido, e apontar com a mão aberta, relativa ao “status simbólico, conceptual ou exemplar” do objeto apontado. Foram estabelecidos sete tipos de combinações entre formato de mão e combinação de antebraço, brevemente descritas e contextualizadas a seguir (KENDON, 2004, p. 205-222):

- a) Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo): utilizado para apontar um único objeto individual ou tópico conversacional.
- b) Dedo indicador estendido neutro (palma vertical): utilizado para distinguir um objeto adicional, que possui alguma relação com o objeto individuado, ou para fazer um comentário sobre o objeto individuado, ou para demonstrar que o objeto indicado é condição ou causa de outra coisa.
- c) Polegar estendido (orientação de antebraço variável): utilizado para apontar para objetos situados ao lado ou atrás do falante ou apontar quando a localização ou a identidade precisa do objeto apontado não precisa ser especificada ou não é o foco do discurso.
- c) Mão aberta neutra (palma vertical): utilizado para se referir não a uma localização específica, que seria individuada pelo dedo indicador, mas a algo que pode ser encontrado numa determinada localização já referida anteriormente no discurso e que está sendo repetida.
- e) Mão aberta supinada (palma para cima): trata-se de uma das famílias gestuais descritas por Kendon (2004, 248-283), cuja função pragmática central consiste em “apresentar”. No contexto dêitico, o objeto apontado não é apenas individuado como tópico ou como uma localização associada a outro foco discursivo, mas como se estivesse sendo apresentado ao interlocutor como algo que deve ser olhado com atenção ou inspecionado de uma maneira particular.
- f) Mão aberta oblíqua: utilizada para indicar um objeto quando algum comentário sobre ele está sendo feito a um terceiro, sendo que,

2 Todas as citações diretas em língua inglesa foram traduzidas de maneira livre por nós. Optamos por inserir as traduções, de modo a uniformizar o texto em uma só língua.

frequentemente, o objeto apontado é uma pessoa e o comentário feito é negativo. Esses gestos, direcionam, então, a atenção de uma terceira pessoa ao alvo da crítica e desempenham um papel de tornar a crítica pública.

g) Mão aberta pronada (palmas para fora): utilizada para se referir à extensão espacial de um objeto ou quando vários objetos estão sendo considerados como um conjunto. Sendo assim, o que está em foco não é um objeto a ser distinto dos outros pela localização espacial, mas o que pode ser visto naquele local.

Cada uma das combinações descritas pode ser ilustrada sucintamente por meio da figura a seguir, bem como por meio dos exemplos analisados no *corpus* – cf. subseção 3.4.



Do ponto de vista multimodal, é relevante observar que, enquanto para Kendon (2004), as combinações que contêm o dedo indicador estendido são frequentemente associadas a palavras dêiticas – especialmente aos dêiticos espaciais –, as combinações que contêm a mão aberta são menos frequentemente associadas a palavras dêiticas, pois, de maneira geral, o dedo indicador estendido tem a função de especificar um objeto, enquanto a mão aberta, em quaisquer de suas combinações, indica objetos que não constituem o tópico conversacional, mas algo que está relacionado ao tópico em questão, seja o exemplar de uma categoria ou a localização de uma atividade em discussão, relacionada a algo que aconteceu ou a algo que deve ser olhado com atenção, porque está relacionado ao tópico principal.

1.2. GESTOS DE APONTAR CONCRETOS E ABSTRATOS

Do ponto de vista espacial, os gestos de apontar podem se referir tanto ao espaço físico partilhado pelos interlocutores, e, conseqüentemente, a um objeto concreto presente no ambiente, quanto à

estruturação de ideias do falante. Neste último caso, a utilização dos dêiticos pode servir para mapear a localização de personagens e objetos numa narrativa (MCNEILL; CASSELL, LEVY, 1993), como também para contrastar metaforicamente posições ideológicas no discurso (MIRANDA; MENDES, 2015). Sendo assim, haveria uma utilização dêitica prototípica, referente à localização do espaço físico, e uma utilização dêitica não-prototípica, correspondente à localização metafórica de pessoas, objetos ou ideias.

Em relação à dêixis abstrata, o ato de apontar para um espaço fisicamente vazio, cria, na verdade, um referente orientado espacialmente no contexto discursivo. Entretanto, os gestos de apontar apresentam diferentes valores semióticos, relacionados, sobretudo, à estruturação de três diferentes níveis discursivos³ (MCNEILL; CASSELL, LEVY, 1993):

- a) o nível metadiscursivo, em que o falante aborda questões relativas ao próprio ato de narrar/ descrever/ argumentar. Por exemplo: “Vou te contar a história de um filme que vi”. Esse nível é, portanto, relativo à representação ou à introdução do evento/argumento e cria pontos de junção entre os eventos/argumentos expostos.
- b) o nível discursivo, em que o falante relata/expõe uma sequência de eventos/argumentos. Por exemplo: “O menino subiu a escada e depois foi para o quarto”. Esse nível é, portanto, relativo à narração/descrição/argumentação propriamente dita.
- c) o nível paradiscursivo, em que o falante se distancia da situação narrativa/descriptiva/argumentativa e estabelece contato direto, na posição social de falante, com o ouvinte. Por exemplo: Após narrar uma sequência de eventos, o falante endereça-se diretamente ao ouvinte e diz: “Entendeu?”. Esse nível é, portanto, relativo à interlocução entre falante e ouvinte.

Segundo McNeill e colegas (1993), no nível discursivo, o gesto de apontar pode ter função referencial: “o falante descreve uma localização ou o movimento de algo em direção a essa localização e estabelece um ponto no espaço no espaço gestual para representar esse *locus*”. Dessa maneira, o *origo* é adjacente ao evento. Ainda no nível discursivo, os gestos de apontar podem “estabelecer cadeias correferências onde referências sucessivas estão ligadas em virtude de ocuparem o mesmo *locus* no espaço”. Por exemplo: ao se referir ao mesmo personagem sucessivamente, o falante utiliza o mesmo gesto e aponta para o mesmo ponto no espaço.

Já no nível metadiscursivo, segundo os autores supracitados (1993), o ato de apontar para o espaço físico corresponde a apontar aspectos da narração/ descrição/argumentação que está sendo desenvolvida. Em outras palavras: “o *origo* para o apontar metanarrativo é o *locus* do falante próximo da história ou ao elemento estrutural da história concebido metaforicamente como um objeto”. Por exemplo: ao dizer “na primeira cena”, o falante aponta para um espaço central, assinalando um segmento da

³ Na verdade, os autores estabelecem essa distinção para o nível narrativo. Porém, como eles próprios assinalam na conclusão de seu artigo, essa distinção pode ser aplicável a outros tipos textuais.

história a ser narrada. Ao contrário do que ocorre nos outros dois níveis, em que um *locus* é indicado no espaço gestual neutro, no nível paradiscursivo, o gesto de apontar é direcionado diretamente ao interlocutor.

Do ponto de vista metodológico, pretendemos aliar as considerações feitas por Kendon (2004), a respeito do núcleo pragmático correspondente a cada ação de apontar -seja ela realizada com o dedo indicador, com o dedão ou com a mão aberta -com as considerações feitas por McNeill, Cassell e Levy (1993) sobre as inter-relação entre gestos dêiticos e níveis discursivos. Os procedimentos metodológicos para a análise quantitativa e qualitativa dos dados serão descritos na seção seguinte.

2. METODOLOGIA

2.1 SELEÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

A fim de testar a hipótese inicial, em que foi estabelecida uma relação prototípica entre a ocorrência de palavras e gestos dêiticos referindo-se a contextos concretos, bem como de verificar o contexto de ocorrência dos diferentes gestos de apontar, foram selecionadas as amostras finais, de 50 minutos cada, provenientes de dois vídeos, exibidos em 2013 e 2014, de sessões legislativas de dois deputados autodenominados “deputados pastores”: Marco Feliciano, do Partido Socialista Cristão (PSC) e presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias na época, e Eduardo Cunha do Partido, atual presidente da Câmara dos Deputados, eleito líder do PMDB na Câmara na época.

O vídeo de Eduardo Cunha corresponde à sessão plenária do dia 25/06/2013, em que o deputado, em nome do PMDB, posiciona-se contrariamente à aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 37, em que se propunha que o poder de investigação criminal se restringisse às polícias militar e civil, retirando o poder de investigação de órgãos como, por exemplo, o Ministério Público. Já vídeo de Marco Feliciano corresponde a um pronunciamento realizado na Sessão Legislativa do dia 14/07/2014, em que o deputado tece considerações sobre a entrevista concedida pelo autor de novelas Manoel Carlos no jornal “Estadão”, de grande circulação nacional. Feliciano posiciona-se contrariamente à exibição de um beijo homoafetivo na novela “Em Família”, em exibição na época, e ressalta a importância da família tradicional brasileira.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.2.1 PROCEDIMENTO DE CATEGORIZAÇÃO DOS GESTOS

O primeiro passo para realizar uma análise de gestos manuais consiste em distinguir esses gestos dos demais movimentos realizados com as mãos (MÜLLER, 2014). Gestos constituem, então, “movimentos distintos de esforço identificável das mãos e antebraços, ou seja, o curso (*stroke*) dos gestos” (CIENKI, 2005, p. 425). A realização dos gestos compreende três fases, em que é empreendida uma “excursão de movimento”, denominada unidade gestual (KENDON, 2004, p. 110):

- a) a preparação: fase opcional, em que os membros se movem a partir de uma posição de relaxamento ou descanso;
- b) o curso (*stroke*): fase obrigatória, em que a expressão gestual é realizada, havendo a manifestação clara de movimentos dinâmicos que demandam esforço e foco de energia. Nesta fase, considerada como o ápice do gesto, as mãos tendem a descrever formas e completar padrões de movimento ou cessarem brevemente o movimento, em que os membros são mantidos parados, antes de relaxarem e retornarem à posição inicial;
- c) a retração: fase opcional, em que há uma retração do movimento para a posição inicial de relaxamento ou descanso.

A partir da marcação dos *strokes* correspondentes aos gestos dêiticos, foram realizados testes de frequência de ocorrência comparando as amostras selecionadas para análise – cf. seção 3. A fim de identificar os gestos dêiticos de maneira confiável, a velocidade do vídeo foi diminuída para 40%, os movimentos das mãos foram visualizados sem o som – cf. indicações metodológicas de Bressemer (2013) – e os *strokes* foram identificados dentro de cada unidade ou frase gestual.

2.2.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE MULTIMODAL DOS DADOS

As análises das amostras foram realizadas por meio da ferramenta ELAN 4.9.1, que permite que sejam criadas trilhas de análise correspondentes a cada um dos aspectos a serem analisados. Segue uma explicação mais detalhada sobre cada uma das trilhas:

- a) Transcrição (*Transcription*) e Tradução (*Translation*): estas trilhas, que correspondem à primeira e à segunda trilha do *template*, contêm o texto do vídeo transcrito ortograficamente e traduzido livremente para o inglês, respectivamente.
- b) Gesto de apontar (s/n) (*Pointing gesture (y/n)*) e Palavra dêitica (s/n) (*Deictical word (y/n)*): nestas trilhas, que correspondem à terceira e à quinta trilha, respectivamente, é possível selecionar as opções “gesto sim” (*gesture yes*), “palavra dêitica sim” (*deictical word yes*) e “gesto não” (*gesture no*), “palavra dêitica não” (*deictical word no*). Considerando a inter-relação entre fala e gestos na emergência da dêixis multimodal, hipotetizamos três situações: a coocorrência entre fala e gestos, a ocorrência de gestos sem a ocorrência de palavra dêitica e a ocorrência de palavra dêitica sem a ocorrência de gestos.
- c) Gesto (c/a) (*Gesture (c/a)*): no caso de ocorrência de gestos, é necessário selecionar, nesta trilha – que corresponde à quarta trilha de

análise –, se o gesto se refere a uma entidade concreta ou a uma entidade abstrata.

d) Palavra (*Word*): nesta trilha, que corresponde à sexta trilha de análise, é possível escrever a palavra: seja a palavra dêitica ou a palavra que acompanha o gesto abstrato. Dessa maneira, é possível refinarmos a análise dos dados e observarmos, de maneira mais específica, quantas e quais são as palavras utilizadas no contexto dêitico, seja verbal ou verbo-gestual.

e) Descrição icônica do gesto (*Gesture iconic description*): nesta trilha, que corresponde à sétima trilha de análise, seguimos a lógica de categorização de gestos estabelecida por Kendon (2004) e Müller (2004) para os gestos de mão aberta supinada, categorizada por ambos como “Mão aberta com as palmas para cima” ou “Palm-up open hand (PUOH)” e criamos, então, uma categorização para as sete diferentes combinações dos gestos de apontar que leva em consideração: a orientação das palmas – horizontal, vertical ou para fora – e o formato da mão ou dedo – mão aberta, dedo indicador ou polegar. A fim de manter uma padronização internacional de classificação, foram utilizadas as iniciais em inglês para a codificação realizada: *palm down* (PD), *palm vertical* (PV), *palm up* (PU), *palm oblique* (PO) *palm away* (PA) para as palmas vertical, para cima, oblíqua e para fora, respectivamente, *index finger* (IF) para dedo indicador, *open hand* (OH) para mão aberta e *thumb* (THUMB) para polegar. A codificação está sistematizada a seguir:

Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo): PDIF

Dedo indicador estendido neutro (palma vertical): PVIF

Polegar estendido (orientação de antebraço variável): THUMB

Mão aberta neutra (palma vertical): PVOH

Mão aberta supinada (palma para cima): PUOH

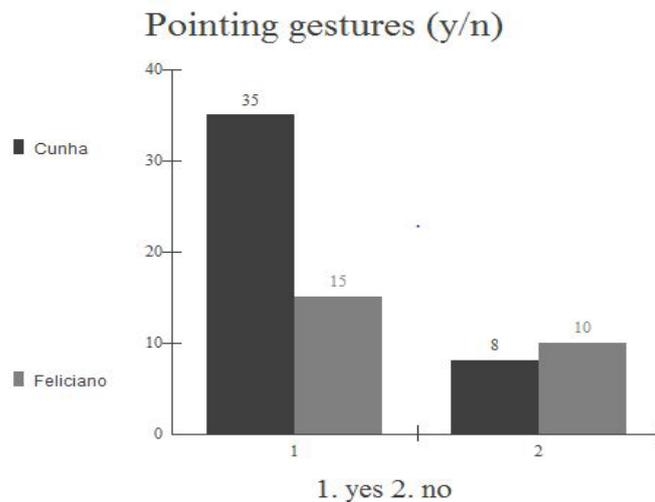
Mão aberta oblíqua: POOH

Mão aberta pronada (palmas para fora): PAOH

Após a categorização dos dados de ambas as amostras, procedemos à análise dos dados. Os resultados serão apresentados na seção seguinte.

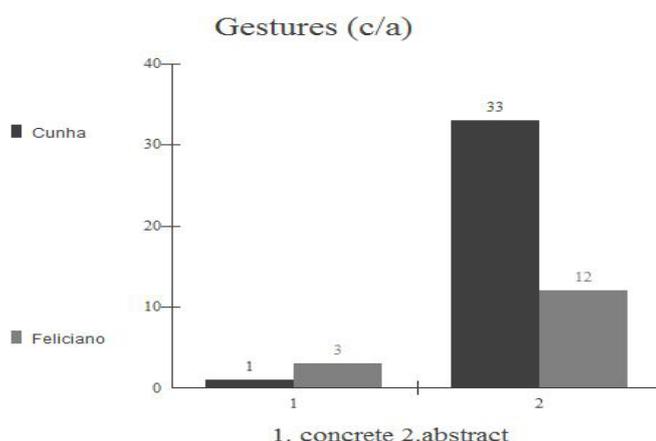
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 GESTOS DE APONTAR (S/N)/ POINTING GESTURES (Y/N)



Conforme é possível visualizar no gráfico, em ambas as amostras, os deputados realizam um número expressivamente maior de gestos de apontar, sendo que Cunha realiza um número maior desses gestos (35 ocorrências) do que Feliciano (15 ocorrências). Aplicando o Teste-G⁴, foi possível constatar que a diferença é estatisticamente significativa: numa tabela 2x2, o resultado de $p = 0,05$. Contudo, nos casos categorizados como “pointing gesture no”, é importante ressaltar que, no caso de Feliciano, ele realiza outros gestos – como, por exemplo, o gesto do soco – quando não realiza o gesto de apontar, enquanto Cunha alterna entre realizar outros gestos e não gesticular. Verificamos, então, se os gestos de apontar coocorriam ou não com palavras dêiticas, conforme os resultados apresentados a seguir.

3.2 GESTO (C/A)/ GESTURE (C/A)

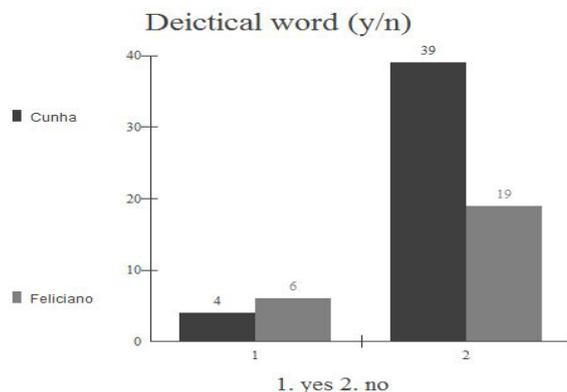


A visualização dos dados permite concluir que, ao contrário do que prevíamos, os gestos dêiticos apontam, na expressiva maioria dos casos, para referentes que não estão presentes na situação comunicativa imediata: no caso de Cunha, ele realiza apenas um gesto dêítico que remete a pessoas, objetos ou situações concretas, enquanto, nas demais ocorrências (33), os gestos realizados

4 Teste não-paramétrico, aplicado a dados nominais, semelhante ao teste Qui-quadrado, aplicado a duas amostras independentes.

possuem referentes abstratos. Os dados relativos a Feliciano apresentam resultados análogos: em apenas 3 ocorrências, os gestos dêiticos apontam para referentes concretos, enquanto nas demais (12 ocorrências), eles apontam para referentes abstratos mencionados na fala. Do ponto de vista estatístico, a diferença também se revelou como sendo significativa, pois o resultado do Teste-G, numa tabela 2x2, foi de $p = 0,05$.

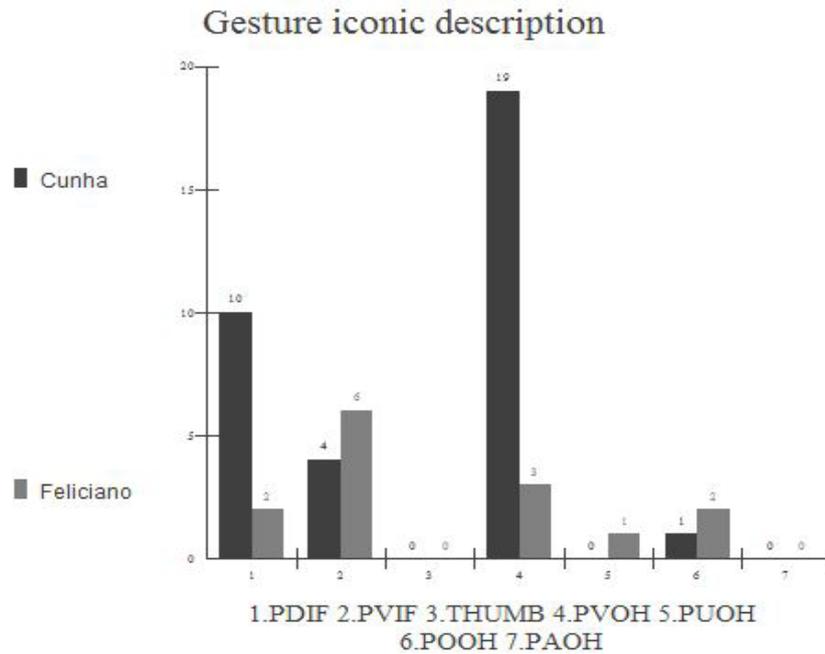
3.3 PALAVRA DÊITICA (S/N)/ DEICTICAL WORD (Y/N)



Os resultados encontrados no gráfico em questão corroboram aqueles encontrados no gráfico anterior, pois, novamente, na expressiva maioria dos casos, os gestos de apontar são acompanhados por palavras não-dêiticas, o que vai de encontro, mais uma vez à nossa hipótese de trabalho. No caso de Cunha, palavras não-dêiticas correspondem a 39 das ocorrências (x 4 ocorrências de palavras dêiticas), enquanto no caso de Feliciano, palavras não-dêiticas correspondem a 19 das ocorrências (x 6 ocorrências de palavras dêiticas). Em outras palavras, os sujeitos apontam para o espaço, mas não apontam para objetos concretos ou presentes na cena enunciativa mais imediata. Entretanto, do ponto de vista estatístico, a diferença não é significativa, pois, numa tabela 2x2 o resultado do Teste-G é de $p = 0,10$.

De maneira geral, o resultado encontrado corrobora a afirmação feita por McNeill, Cassell e Levy (1993, p. 9), de que “o espaço físico torna-se um espaço de possibilidade referenciais”. Por fim, é importante salientar que não há uma correspondência exata dos dados contidos nos gráficos 2 e 3 pelo fato de algumas palavras dêiticas ocorrerem desacompanhadas de gestos – no caso de Cunha – ou acompanhadas por outros gestos que não foram quantificados, como, por exemplo, o gesto de soco – no caso de Feliciano. Sendo assim, é possível afirmar que Cunha realiza mais gestos dêiticos mas, não necessariamente, realiza maior número de gestos no total. Além disso, é possível hipotetizar que Feliciano realiza gestos mais variados que Cunha, pois a amostra inclui gestos não-dêiticos.

3.4 DESCRIÇÃO ICÔNICA DOS GESTOS/ GESTURE ICONIC DESCRIPTION⁵



Em relação à descrição icônica dos gestos, dois dados que, inicialmente, atraem nossa atenção dizem respeito à ausência de ocorrências de gestos de apontar com o dedo (THUMB) e de “mão aberta, palmas para cima” (PAOH). A nosso ver, o principal fator motivador da não-ocorrência desses gestos se deve ao fato de eles individuarem objetos concretos, situados atrás do locutor ou naquele lugar específico apontado. Como a maioria dos gestos, em ambas as amostras, se refere a contextos abstratos, isso desfavoreceria a ocorrência dos gestos em questão.

Em relação aos demais gestos, é possível observar uma distribuição bastante diferente entre as duas amostras: no caso dos gestos de apontar com o dedo (IF), Cunha utiliza o gesto de “apontar com o dedo, palmas para baixo” (PDIF) em 10 ocorrências, enquanto Feliciano o utiliza apenas em 2 ocorrências. Segundo Kendon (2004), esses gestos serviriam tanto para individuar objetos, quanto o tópico conversacional. No caso de Cunha, ele aponta entidades no espaço, sendo que os gestos servem não apenas para aponta-los, mas para enfatizá-los -como na sequência exemplificada, em que ele repete o mesmo gesto a cada referente dito. Já no caso de Feliciano, ele usa esses gestos para se referir concretamente ao interlocutor do discurso. Ambos os exemplos podem ser visualizados a seguir:

⁵ Por questões de coerência e de espaço, optamos por comentar algumas ocorrências da trilha “Words”/Palavras” juntamente com a descrição icônica dos gestos.



“O **nosso** país é um país conservador” “Nós (1) **queremos** (2) **combater** (3) a **criminalidade**

Já no caso dos gestos de “apontar com o dedo, palma vertical” (PVIF), Feliciano realiza maior número desses gestos (6 ocorrências), enquanto Cunha realiza 4 ocorrências. Segundo Kendon (2004), esses gestos seriam utilizados para fazer comentários sobre um objeto ou para apontar para um objeto adicional. No caso de Feliciano, ele da família brasileira, usando sempre o “nós” – como pode ser visualizado no exemplo a seguir. Cunha, por sua vez, ao especificar como queremos combater a criminalidade, cita diversos órgãos que poderiam fazê-lo e, ao citá-los utiliza os gestos em questão. Mais uma vez, os gestos cumprem também o papel de enfatizar os referentes.



“(…)mostrando que, de fato, **somos conservadores**” “Com o **Ministério Público**, com a **polícia**,”
com **todos**”.

No caso dos gestos de apontar com a mão aberta (OH), os gestos de “mão aberta, palma vertical” (PVOH) constituem a maioria das ocorrências na primeira amostra (19 ocorrências), enquanto correspondem a apenas 3 ocorrências na segunda. Segundo Kendon (2004), esses gestos seriam utilizados para apontar um referente já mencionado antes no discurso. Entretanto, no caso de Feliciano, eles são utilizados para se individuar pessoas ou entidades como, por exemplo, Deus. No caso de Cunha, ele utiliza uma longa sequência de gestos repetitivos para, de certa maneira, reiterar e resumir a posição contrária tomada pelo PMDB a respeito de restringir o poder de investigação da corrupção apenas pela Polícia Federal:



“E que **Deus abençoe** a todo Brasil” “O **PMDB** (1) **espera** (2) que, **no futuro**(3) (...)”

Por fim, os gestos de “mão aberta, palmas para cima” (PUOH) apresentam apenas uma (1) ocorrência, realizada por Feliciano e nenhuma (0) ocorrência, no caso de Cunha. Segundo Kendon (2004) e Müller (2004), esses gestos correspondem à função pragmática e “apresentar”. Feliciano esse gesto para apresentar, de maneira resumida, os fatos: “o que aconteceu nada mais foi que a população brasileira mostrando que, da fato, somos conservadores”. Acreditamos que, por se tratar do trecho final dos discursos, a ideias e referentes já tenham sido, em sua maioria, apresentados anteriormente, razão para a baixa ocorrência desses gestos.



“A **população brasileira**”

Constatamos também um baixo número de ocorrências dos gestos “mão aberta, palmas oblíquas” (POOH): apenas uma (1) ocorrência, no caso de Cunha, e duas (2), no caso de Feliciano. Segundo Kendon (2004), esses gestos são utilizados quando está sendo feito um comentário negativo sobre uma terceira pessoa, para a qual se aponta. No caso de Feliciano, ele está criticando a novela “Em Família”, de fato fazendo um comentário negativo sobre ela e diferenciando o “nós” x “eles”: “todos os dias, entravam dentro da nossa casa e expunham todo tipo de coisa que eu, como pai de família, não gostaria que minhas filhas pudessem olhar”. Cunha também aborda uma terceira pessoa em seu discurso: o PMDB. Porém, ressalta aspectos positivos do partido que liderava na Câmara dos Deputados:



“**Entravam dentro da nossa casa**” “Levou **os dois lados** hoje para o debate”

De maneira geral, os resultados encontrados demonstram que a maior parte dos gestos realizados por Cunha concentram-se no primeiro (PDIF) e no quarto (PVOH) grupo de descrição icônica. Já no caso de Feliciano, as ocorrências se apresentam de maneira mais distribuída, sendo que o maior número delas corresponde ao segundo grupo de descrição icônica (PVIF). Esses resultados demonstram que, somadas as ocorrências, ambos os deputados fazem maior uso dos gestos de apontar com o dedo, o que poderia demonstrar a prototipicidade desse tipo de gesto. Por fim, é válido ressaltar que os resultados são estatisticamente significativos, pois o resultado do Teste G é de $p = 0,05$, numa tabela 7x2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como ocorre com a dêixis verbal, a dêixis gestual é atualizada de acordo com o “aqui-agora” da enunciação, pois o mesmo gesto de apontar pode ser ocupado por diferentes referentes. Mostra-se relevante, inclusive, o estabelecimento de diferentes gestos de apontar, que não dizem respeito a uma mera característica individual do discurso, mas a padrões de movimento que podem variar sistematicamente, pois podem ser associados a diferentes funções pragmáticas exercidas ao longo da estruturação discursiva.

Ao analisarmos os três níveis de estruturação propostos por McNeill e colegas (1993), em ambas as amostras, é possível verificar que os gestos de apontar são realizados expressivamente no nível discursivo – em que a argumentação propriamente dita se desenvolve –, e, em menor grau, no nível metadiscursivo – em que são estabelecidos pontos de junção entre os diferentes argumentos, muitas vezes acompanhados por conjunções como, por exemplo, “então”.

O fato de a expressiva maioria dos gestos também se remeterem a entidades abstratas remete à metáfora conceptual básica “IDEIAS SÃO OBJETOS” que, no contexto específico de análise, pode ser desdobrada na metáfora “POSIÇÃO REFERENCIAL É POSIÇÃO ESPACIAL”. Mais do que isso, como afirmado pelos próprios McNeill, Cassell e Levy (1993, p.17, grifos dos autores): “Um gesto de apontar *cria* um referente no espaço”. Assim, “os gestos de apontar criam uma transposição mental do espaço do objeto no espaço abstrato”. Portanto, “graças ao trabalho criativo do gesto, *o espaço não é, de fato, vazio!*”.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que, devido às limitações de tempo, espaço e escopo de desenvolvimento deste artigo, algumas questões relevantes não puderam ser abordadas. Questões como: a trajetória dos gestos, a qualidade e precisão dos movimentos (*movement sharpness*), o número de articulações envolvidas na realização do gesto e, sobretudo, a repetição dos gestos de apontar estão sendo devidamente endereçadas no trabalho “The role of gesture strokes in the emergence of multimodal metaphors: an analysis of political-religious discourses”⁶, ainda em construção, que conta com um *corpus* ampliado. Em última análise, hipotetizamos que esses recursos funcionam como indicadores de ênfase, mobilizando emoções no discurso. Essas e outras questões sobre o estudo dos gestos, ainda tão pouco explorado no Brasil, ocupam lugar central em nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AYRES, M., AYRES JÚNIOR, M.; AYRES, D.L.; SANTOS, A.A *BioEstat: Aplicações estatísticas nas áreas das ciências biomédicas*. Versão 5.3. Ong Mamiraua. Belém, PA, 2007. Disponível em: <http://www.mamiraua.org.br/pt-br/downloads/programas/bioestat-versao-53/>, Acesso em: jan/2015.
- BENVENISTE, E. La nature des pronoms. In: *Problèmes de linguistique générale 1*. Paris: Gallimard, 1966, p. 251-257.
- BRESSEM, J. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER, C. et al (eds.) *Body – Language – Communication: an international handbook on multimodality in human interaction*. v. 38, n. 1. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2013, p. 1079-1098.
- BÜHLER, K. *Theory of Language: The representational function of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- CIENKI, A. Image Schemas and Gestures. In: HAMPE, B; GRADY, J. (Eds.). *From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 421-442.
- CUNHA, E. *Sessão Plenária da Câmara dos Deputados do dia 25/06/2014*. YouTube, 13 de agosto de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ku8pTFWqxqE>. Acesso em: jan/2015.
- FELICIANO, M. *Sessão Plenária da Câmara dos Deputados do dia 13/07/14*. YouTube, 13 de agosto de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Erbl-nwNW8w>. Acesso em: jan/2015.
- KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- MCNEILL, D.; CASSELL, J; LEVY, E.T. Abstract deixis. In: *Semiotica*, v. 95, n.1. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 5-19.
- MIRANDA, M.A.; MENDES, P. The role of gestures in the construction of multimodal metaphors: analysis of a political-electoral debate. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.15, n.2, 2015, p. 343-376.
- MÜLLER, C. Gesture as “deliberate expressive movements”. In: SEYFEDDINIPUR, M.; GULLBERG, M. (eds.) *From gesture in conversation to visible action as utterance: essays in honor of Adam Kendon*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.
- MÜLLER, C. Forms and uses of the Palm Up Open Hand: a case of a gesture family? In: MÜLLER,

C.; POSNER, R. *The semantics and pragmatics of everyday gestures*. Berlin: Weller, 2004, p. 233-256.

SLOETDJES, H., & WITTENBURGH, P. *ELAN*. Version 4.8.1, retrieved 20 November 2014 from <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> by Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands, 2008.

Recebido em 28/02/2016

Aceito em 07/04/2016